



**Do registro de memória ao objeto musealizado:
Uma análise dos usos de um diário de guerra de um combatente da Força
Expedicionária Brasileira – FEB**

IANKO BETT*

Introdução

Em junho de 2013 a Comissão de Acervo¹ do Museu Militar do Comando Militar do Sul (adiante MMCMS) e as Sras Elisabeth e Eliane D'Ávila deram início às tratativas acerca da doação do acervo que pertenceu ao seu pai, Solon Rodrigues D'Ávila, militar do Exército Brasileiro que, quando ocupava o Posto de 1º Tenente, foi voluntário a servir na Força Expedicionária Brasileira (adiante FEB), contingente do Exército que lutou na 2ª Guerra Mundial. O acervo doado, composto por cartas, medalhas, fotografias, recortes de jornais, relação de alterações e um diário de guerra (escrito em uma caderneta e uma agenda), ficou em posse de Solon até o seu falecimento (2008) e, após, sob a guarda de suas filhas.

O ato desta doação, realizado sem nenhuma cerimônia, apenas marcado pelas assinaturas de um “Termo de Doação”, colocou um novo status qualitativo nesses objetos na medida em que eles passaram a transitar pelas etapas necessárias e exigidas para a sua devida musealização. Este ato, por outro lado, também denota o prosseguimento de um esforço, inaugurado pelo próprio “dono” do acervo, de preservação de suas memórias, pois, durante mais de sessenta anos, esses objetos ficaram no âmbito privado, sob a guarda de Solon e de suas filhas, apresentando um estado de conservação digno de nota. Grande parte dos objetos do acervo faz referência (direta ou indiretamente) ao período no qual Solon esteve servindo, como Oficial de Transmissões, no Esquadrão de Reconhecimento da FEB. Dizem respeito, portanto, à sua presença na 2ª Guerra Mundial.

Diversos autores, que se propuseram a estudar narrativas autobiográficas ou narrativas de testemunho, colocam em evidência as possibilidades analíticas de um diário de guerra, apresentando as principais potencialidades para usos no campo historiográfico. As possibilidades são inúmeras, podendo destacar enquanto um “estojo de informações, testemunho, vestígio, depoimento de um dado período” (NEVES e PINTO, 2013:02),

□ Doutor em História (PUCRS), Encarregado do Setor de Pesquisa e História do Museu Militar do Comando Militar do Sul (MMCMS). Email: ibett@bol.com.br

1A Comissão é formada pelo Diretor, pela Museóloga e pelo Historiador do Museu Militar do Comando Militar do Sul.

possibilitar a “recuperação de sensibilidades e representações historicamente constituídas” (RIBEIRO, 2012:209), além de permitir, especificamente no caso aqui estudado, a compreensão da visão de mundo (e de guerra, de exército, de Brasil, de nação) de um jovem Oficial do Exército Brasileiro.

Cabe destacar que uma das primeiras contribuições desse gênero de pesquisa consiste em lançar, de antemão, as peculiaridades de um registro de memória da tipologia de um diário de guerra, na medida em que sua contínua inscrição está sempre sendo acompanhada com (o temor da) a possibilidade do seu abrupto encerramento, inerente à experiência limite de se estar em combate. A constante presença da morte, nesse sentido, pode apresentar um relativo paradoxo: potencializar o afloramento de narrativas de cunho mais intimista, pela própria percepção da fragilidade da vida e, justamente por isso, decretar que o escritor inflija um processo de autocensura, uma verdadeira escolha/fabricação de uma imagem de si que possibilite, com o acontecimento da morte, a perpetuação de uma imagem positiva e abonadora, realçando apenas seus feitos e qualidades.

Como essa composição pode ser evidenciada no personagem/escritor aqui abordado? Qual a imagem de si mesmo narrada em suas cadernetas de anotações? Mesmo que essas questões não estejam inseridas diretamente nos objetivos do artigo, elas indicam que suas possíveis respostas não devem se esquivar das problemáticas de fundo historiográfico: o que desse personagem, suas memórias, seus registros, podem esclarecer sobre o estar na guerra, sobre a FEB, sobre o Exército brasileiro e sobre o Brasil e suas relações internacionais? Será esse caminho que guiará a presente análise. Com foco exclusivo no “objeto” diário de guerra, problematizar-se-á a escrita do diário (e não propriamente seu conteúdo), sua preservação, seus usos e desusos no transcurso de sua existência, desde o momento em que serviu de suporte material para o registro do dia a dia da guerra até o processo de sua musealização, ou seja, a forma com que esse objeto foi tratado, tanto por parte do próprio autor e de seus familiares, quanto pela própria Instituição museológica que agora detém seus direitos.

No que se refere à escrita do diário e à sua preservação é possível identificar toda uma “vontade de memória”, nos termos de Pierre Nora (1993), que contrasta com o caráter reservado e inédito de seus escritos durante no período compreendido entre sua escrita e a posterior doação ao MMCMS. Contrasta, também, com a prática de grande parte de outros

combatentes brasileiros que, logo após o fim do conflito, tiveram a necessidade de publicar suas memórias de guerra. Trata-se de um caso que, por suas especificidades, pode agregar novos elementos às pesquisas que se dedicam aos estudos sobre a história da FEB e da memória dos ex-combatentes.

1- O “primeiro tempo” das memórias de guerra: escrita de si e preservação

Desde o momento de seu embarque para o Teatro de Operações da Itália (setembro de 1944) até o seu retorno ao Brasil (julho de 1945), Solon se preocupou em registrar aspectos do seu dia a dia. Primeiramente numa pequena caderneta de viagem e, após preenchida todas as folhas desta, numa agenda adquirida em solo italiano, o Ex-combatente descreveu, dentre as mais diversas situações, as impressões da conturbada viagem de navio que cruzou o Atlântico, o estranhamento na chegada ao continente europeu sob impacto da guerra, a ambientação ao Teatro de Operações, os treinamentos, os combates e o convívio com a população local. Trata-se, portanto, de um registro de memória que carrega toda a complexidade que envolve presenciar e atuar em uma guerra. A escrita do diário e a sua imediata condição de preservação demarca aquilo que, neste texto, será chamado de um “primeiro tempo” das memórias de guerra, derivado, num primeiro momento, das experiências vivenciadas pelo autor durante sua presença na guerra.

Mas, esse “primeiro tempo” de suas memórias de guerra também é resultado de outro componente essencial nesse processo, qual seja, a própria preservação do diário durante a sua estada na guerra. Como se sabe, os militares, em suas atividades, estão sujeitos às mais diversas situações (que se potencializam durante um conflito) inclusive as de fundo meteorológico como umidade, chuvas, e, no caso da FEB, nevascas. Portar objetos de papel, nesses casos, requer um cuidado muito especial, principalmente se for levado em conta a quantidade de vezes com que foi manuseado² no tempo em que seu autor permaneceu em solo italiano.

Mesmo que o diário de Solon indique que grande parte da sua escrita tenha sido realizada em horários de descanso (final do dia) e fora da linha de frente (até mesmo pela peculiaridade da sua função – Oficial de Transmissões de um Esquadrão de Reconhecimento),

² É possível contabilizar um total de 145 registros no período em que Solon esteve em combate.

chama a atenção o nível de preservação (pode-se dizer um ótimo estado de conservação, a julgar pela idade do material) com que as cadernetas utilizadas se encontram até nossos dias.

Isso denota, necessariamente, toda uma preocupação do autor com seus registros, algo que remete a pensar que a escrita do diário e o esforço de preservação imediato podem ser reveladores da consciência do autor em viver um momento excepcional. Para Jahnel (2002:05) nesse sentido, “O autor pensa para além dos seus dias atuais, querendo deixar um relato sobre o que está vivendo. Ao mesmo tempo, o diário revela a necessidade de uma autoproteção, abrindo um espaço para as próprias fantasias e sonhos sem que alguém possa interferir, [...]”.

É certo que, durante o transcurso da tecitura de suas memórias, Solon não poderia saber do final da história, não poderia saber, portanto, como se desenhariam suas memórias naquele que seria seu último em dia em que suas palavras sobre o “estar na guerra” seriam grifadas no diário. Aliás, não poderia saber, dada as peculiaridades de se estar numa guerra, quando sua narrativa poderia ser interrompida de forma abrupta.³ Fica claro que, no “primeiro tempo” da memória de guerra de Solon, o horizonte de perspectiva que se abria ao autor conjugava a necessidade de preservação e construção de sua identidade, dado que a memória é um dos elementos essenciais constituintes do sentimento de identidade, pois ela baliza e avaliza o sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992). Nesse caso, e levando em conta a eminência de se estar de frente com a morte a qualquer momento, essa “reconstrução” de si ganha em relevância.

Por outro lado, ao deixar registrado seu testemunho, Solon não poderia saber dos desdobramentos futuros, especialmente a sua condição de Ex-combatente enquanto Oficial de carreira do Exército. Não poderia estar no horizonte de suas expectativas os caminhos tomados pelo País e pela instituição militar no pós-guerra, principalmente no que diz respeito à forma de desmobilização da FEB e a sua imediata marginalização. Jamais poderia ter passado pela sua cabeça – e isso os registros deixam muito claro – que a sua experiência de ter participado do maior conflito mundial sofreria de um esquecimento intencional pela sua

³Essa noção de tempo, inerente aos diários, é o que os diferencia da autobiografia. Conforme apontou Ribeiro (2013:212), a autobiografia é constituída de começo, meio e fim, e o diário “é uma página em branco que vai sendo escrita conforme as circunstâncias que se apresentam para seu autor. O diário é sempre um porvir que reserva a cada dia; uma surpresa para o próprio autor e o leitor.”

própria instituição. No transcurso de seus registros, Solon não poderia saber que a sua experiência em combate jamais seria transmitida aos seus superiores, pares e subordinados que ficaram no Brasil. Ou, o que é pior, jamais poderia imaginar que essas experiências seriam proibidas de serem transmitidas, inclusive como forma de ensinamentos de combate.

Esse primeiro tempo de suas memórias também pode ser revelador, além do esforço de preservação e reconstrução de sua identidade, de um conjunto de elementos que indicam que suas memórias poderiam ser utilizadas como uma forma de “garantia futura” para aquele que poderia ser um projeto de memória coletiva da própria Instituição. Nesse sentido, Solon sabia de sua condição de Oficial de carreira do Exército. Estava, portanto, em seu horizonte de expectativa, a possibilidade de que seu testemunho adquirisse importância na própria configuração da sua carreira como na própria configuração do crescimento do Exército enquanto instituição militar, como é possível verificar na passagem do seu diário, registrada em outubro de 1944: “A guerra tem sido muito cara para os americanos, pois eles dão aos combatentes tudo o que se possa imaginar e seja possível. Muito temos aprendido nesses poucos dias e na certa levaremos os ensinamentos para o Brasil onde muito precisa ser feito”. (BARBOSA et al., 2015)

Equacionando, então, os diversos horizontes que se abriam ao Ex-combatente a partir da sua “vontade de memória” - na escrita e preservação do diário - com os rumos tomados pela guerra e pela instituição Exército, configuram-se algumas hipóteses para compreender os motivos pelos quais suas memórias ficaram, por durante muitos anos, sob a sua estrita intimidade.

A primeira diz respeito ao fato da própria situação em que se encontrava enquanto Oficial de carreira, ou seja, inserido em determinadas regras e procedimentos institucionais, dos quais, qualquer desajuste poderia lhe causar sérios problemas no andamento da ascensão hierárquica, mesmo que seu diário não revelasse algo que pudesse comprometer sua imagem, da própria FEB e do Exército (sem contar, nesse caso, todo um caráter intimista e de cunho pessoal da sua escrita, aspectos que poderiam ser causadores de uma relativa inibição na sua divulgação). Deste modo, quebrar com a censura institucionalizada⁴ sobre a participação na

⁴ Data de 11 de junho de 1945 um Aviso Reservado emitido pelo então Ministro da guerra, Eurico Gaspar Dutra, que proibia, aos Oficiais e Praças da FEB, fazer declarações ou conceder entrevistas sobre a participação

guerra, dentro do próprio Exército, poderia lhe causar problemas justamente por ferir um dos principais princípios balizadores da Instituição militar: a disciplina.

Outra hipótese que pode ser elencada diz respeito a todo um conjunto de fatores que levariam Solon a colocar em prática algumas estratégias de resistências, num primeiro momento contra a possibilidade de ser enquadrado disciplinarmente, caso quebrada a censura da Instituição, e, num segundo momento (por um período mais duradouro), contra a “memória oficial” da participação brasileira na segunda guerra mundial, construída em diversos contextos do cenário político nacional.

Para Pollak (1992), o “longo silêncio sobre o passado”, conforme o caso do diário de Solon, não pode ser imediatamente conduzido à mera questão de esquecimento, mas, também, como uma resposta ao excesso de discursos oficiais. Nesse mesmo sentido, Koselleck citado por Marcelino (2016:361) coloca em questão aquilo que denomina de “direito de veto da experiência pessoal” contra a possibilidade que a mesma seja incorporada em uma memória coletiva. Segundo o autor, trata-se de uma parte “frequentemente (e muitas vezes em vão) reivindicada dignidade humana, que todo ser humano tem direito a uma memória individual. Esse direito inteiramente pessoal a uma memória oferece proteção contra a doutrinação ideológica, contra o controle mental e a sujeição”. Estaria Solon esperando a “hora da verdade”, nos termos de Pollak (1992), para, de alguma forma, romper com as vozes oficiais sobre a FEB de uma maneira geral? Ou, através do seu silêncio, teria se negado a ser mais um (e apenas) sujeito apropriado pelo discurso oficial?⁵

Por outro lado, a hipótese que seu silêncio tenha se configurado numa forma de “protesto” (que também pode ser encarado como forma de resistência) acerca da maneira como os febianos de carreira foram recebidos em seus quartéis também não pode ser descartada. Francisco Ferraz (2012:144) cita o testemunho do Coronel Amerino Raposo Filho que demonstra todo um ressentimento acumulado por vários anos: “Até fevereiro de 1949,

Brasileira em combate. (FERRAZ, 2012)

⁵De acordo com Patrícia da Silva Ribeiro (2013: 210) esse modo de atuação (“arquivamento do eu”) praticado por Solon não se configura numa ação neutra e invariável. Ela se modifica tanto a partir de fatores externos quanto a partir de fatores pessoais e responde à possibilidade de se criar alternativa de imagem de si à imagem social imposta, provocando “um processo de subjetivação que o permite reinventar a própria história”. Ainda de acordo com esta autora (2013:226), o “arquivamento do eu” se configura, muitas vezes, na única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto.

quando deixei a academia, em Resende, não assisti nenhuma comemoração relativa à FEB. Isso me produziu um choque e eu me recolhi. Passei quarenta anos sem fazer um comentário sobre a FEB [...]”. Esse “ressentimento” também é possível identificar nas memórias de Solon, tanto aquelas produzidas por si mesmo, quanto àquelas deixadas por seus familiares. Em seu depoimento para o Projeto de História Oral, em setembro de 2000, no tópico “Consequências da Guerra”, ele menciona sobre o seu retorno ao quartel do 2º Regimento de Cavalaria Mecanizado e a forma como sua experiência de guerra foi tratada:

Nunca ninguém me perguntou como tinha sido a guerra. Nunca um Comandante me escalou para fazer uma palestra [...]. Agora não falo mais, já estou com a cabeça fraca [...]. Me transferiram para um Regimento de Porto Alegre e lá nunca se falou que eu tinha participado da guerra. Nunca me chamaram para fazer uma palestra, nunca me estimularam: 'Você deve fazer cursos, você tem experiência de guerra'. (MOTTA:35-36)⁶

Corroborando com essa impressão, sua filha também ouvia esse tipo de queixa. Quando questionada se seu pai comentava sobre algum tipo de decepção em relação ao não reconhecimento (pelo Exército e pelo Brasil) de sua participação na guerra, ela respondeu:

Sim, comentou mais de uma vez sobre isso, não se sentiu reconhecido e nunca entendeu bem o motivo, ele tinha uma certa magoa pela maneira como foi recebido no Brasil ate pelos próprios colegas. Comentou comigo uma vez que ele tinha muitas coisas para contar, que aprendeu muito na guerra, mas ninguém perguntava ou falava no assunto, não havia interesse em saber o que ele havia vivenciado na Itália.⁷

Como se pode verificar, então, a “vontade de memória” de Solon – naquilo denominado neste artigo como o “primeiro tempo” de suas memórias de guerra – passou, inevitavelmente, por um processo de constante interferência “externa”, seja das condições políticas do País no pós-guerra, seja do tratamento institucional do Exército e dos militares aos febianos ou, até mesmo, da própria configuração da memória em torno da participação do Brasil e do Exército na Segunda Guerra Mundial, o que pode explicar a forma com que tratou

6A historiografia pertinente (FERRAZ, 2012 e OLIVEIRA, 2015) ao tema aponta que os motivos para a rápida desmobilização da FEB, ainda em solo Italiano, deveu-se por motivos eminentemente políticos. Por um lado o Gen. Dutra tinha a preocupação com a possibilidade de que a tropa fosse cooptada por adversários políticos, visando nesse caso, a eleição eleitoral marcada para o fim de 1945. De outra parte, a rápida desmobilização também respondeu à possibilidade de uma “americanização” do Exército Brasileiro a partir do interesse do Exército estadunidense na formação de um núcleo de disseminação das suas doutrina. De acordo com Dennison de Oliveira (2015:264), destruir a FEB “também atenderia ao objetivo de reduzir a influência e o prestígio que os militares dos EUA exerciam [...]”

7 Depoimento prestado ao autor em 20 de março de 2017.

do seu diário durante os anos transcorridos.

Não se pode considerar o seu silêncio como um simples esquecimento, mas, decididamente, enquanto um processo que resultou das contingências de sua vida pessoal em constante negociação com as estruturas institucionais e políticas das quais esteve inserido. Conforme afirma Pollak (1989:12), “um passado que permanece mudo é muitas vezes menos o produto do esquecimento do que de um trabalho de gestão da memória segundo as possibilidades de comunicação.” No imediato pós-guerra e por anos consecutivos, as possibilidades de comunicação referentes à guerra eram limitadas, quase inexistentes. Preservar o diário, ainda que de forma muito discreta, poderia garantir, no futuro, um acesso às memórias renegadas.

Apesar do levantamento de algumas hipóteses, o real entendimento do seu silêncio em relação à sua escrita sobre a guerra, bem como da sua experiência em combate, ainda carece de mais elementos. O levantamento de novas fontes ainda pode dar um novo olhar para a forma com que geriu suas memórias⁸. O que se sabe, de forma objetiva, é que após mais de 50 anos esses silêncios, em parte, foram quebrados. Sua experiência em combate finalmente foi narrada e publicada, porém, o seu diário continuou inédito. O tempo da recordação e o uso objetivo do diário constituirá aquilo que, neste trabalho, será entendido como um “segundo tempo” de suas memórias de guerra.

2 O “segundo tempo” das memórias de guerra: presentificando as memórias

No dia 13 de setembro de 2000, portanto 56 anos após seu embarque no 2º Escalão da FEB, e já com 83 anos de idade, o então Coronel Solon prestou seu depoimento para o projeto de “História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial”. Foi convidado, portanto, a compartilhar suas experiências na guerra através de um processo de entrevista que compreendia três fases: pré-entrevista, entrevista propriamente dita e a pós-entrevista. Não cabe aqui a descrição pormenorizada da metodologia utilizada no projeto, mas apenas ressaltar que ela compreendeu uma fase de preparação, em que o colaborador (entrevistado), depois de estabelecido os primeiros contatos com os coordenadores regionais, recebeu as informações sobre o tema e o formato adotado para o desenvolvimento da entrevista, além de

⁸É preciso considerar a possibilidade de existência de novas fontes, especialmente nos arquivos de Organizações Militares das quais Solon serviu e Comandou.

um questionário, com a devida antecedência, com perguntas básicas sobre o tema com vistas a orientar a preparação da entrevista.

É preciso mencionar que o tema da “Segunda Guerra Mundial” está inserido em um conjunto maior de projetos desenvolvidos pelo Exército a partir do final dos anos de 1990, criados através de Portaria Ministerial pelo então Ministro do Exército, General Gleuber Vieira⁹. Por seu turno, a criação desse Projeto está inserida no contexto de um crescente apoio, incentivo e desenvolvimento dos aspectos históricos e culturais do Exército Brasileiro que remontam aos anos 1970 com a criação do Departamento de Ensino e Pesquisa (DEP) e, mais tarde, em meados dos anos 1990, com a criação de Diretoria de Assuntos Culturais (desde 2008 Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército – DPHCEX), cujas expressões mais significativas – além dos referidos projetos – podem ser percebidas com a criação do Museu Histórico do Exército, no Forte de Copacabana, em 1986, do Museu Conde de Linhares (1998) e da criação, em fevereiro de 1999, do MMCMS, em Poro Alegre, RS. Não cabe aqui realizar uma análise que aborde esse novo status das políticas culturais do Exército Brasileiro, bem como sua condição de emergência, mas é imprescindível demarcar que, com o desenvolvimento desse campo específico, o Exército se assumiu como um porta-voz e guardião da memória e da “verdade” sobre o passado da instituição.

Não foi possível encontrar trabalhos acadêmicos que realizaram uma análise mais específica (do surgimento, desenvolvimento e posteriormente de seus usos) desses projetos desenvolvidos pelo Exército, em especial aquele que é foco do artigo “História Oral na Segunda Guerra Mundial”. Entretanto, com base no conteúdo da ordem de serviço que estabeleceu os critérios de sua organização¹⁰, é possível pressupor que o seu desenvolvimento teve como primeira finalidade centralizar e condensar as memórias dos Ex-combatentes respondendo, talvez, por um lado, uma necessidade de atenuar décadas em que o tema foi deixado de lado pela Instituição e, por outro, a emergência do cenário do patrimônio histórico e cultural desencadeada através da Constituição de 1988.

De acordo com Eliane D’Ávila, filha do Cel Solon, o projeto foi muito bem recebido pelo seu pai que muito se esforçou, apesar da idade avançada, em cooperar. Ela comenta,

⁹Também fazem parte do projeto de história oral do Exército os temas sobre “31 de março de 1964”, “Projeto Rondon” e a “Engenharia Militar”.

¹⁰ Ver em CHAVES, 2013.

inclusive, o sentimento contraditório de seu pai referente àquela atividade: “era um trabalho vasto e ele estava bastante concentrado escrevendo, fazendo anotações etc.. comentou que o convite tinha vindo tarde, que isto deveria ter acontecido quando ele chegou da guerra, mesmo assim ele ficou contente e se esforçou na preparação”.¹¹ Mesmo com o atraso mencionado, com ou sem ressentimento pelo “esquecimento” de mais de 50 anos, Solon participou do Projeto e deu nova materialidade às suas memórias de guerra.

A entrevista do Coronel Solon abre o Tomo 07 do Projeto e segue, basicamente, a ordem estabelecida nas considerações metodológicas. Chama atenção o fato de que é possível identificar, no texto publicado, que Solon fez uso do seu diário de guerra, seja como forma de orientar sua narrativa, seja na forma de transmitir um status de verdade das suas lembranças. Portanto, a sua participação no projeto provocou que suas memórias fossem revisitadas.¹² O diário, que ficou por anos dentro de uma gaveta, desconhecido até mesmo de seus familiares mais íntimos¹³, precisou ser recuperado. Seu conteúdo foi presentificado, mas a sua materialidade ainda permaneceu em segredo.

Levando em conta a forma com que a entrevista foi estruturada (a partir de uma preparação prévia) e esse uso consciente das suas “anotações”, tem-se aquilo que será entendido como um “segundo tempo” de suas memórias de guerra, resultado do processo de recordação dirigida, não espontânea, tanto pela ordem estabelecida na metodologia do projeto quanto pela sua possibilidade de consulta em seu diário de guerra.

A constatação da existência de um “segundo tempo” não significa necessariamente uma imediata e automática passagem de um “acúmulo de memória”, que precisou ser reatualizado – por ocasião de sua participação no Projeto de História Oral do Exército – em memórias narradas. Compreende-se, desta forma, que no próprio ato de rememoração estão inseridas atualizações que dizem respeito às experiências passadas e as atuais, ou seja,

11 Depoimento prestado ao autor em 20 de março de 2017.

12Como lembra Ribeiro (2013:202) nos processos de reconstrução memorial, “o indivíduo seleciona, no presente, elementos do passado, proporcionando a possibilidade de uma nova leitura de acontecimentos distantes no tempo. Desta maneira, seria então uma ilusão biográfica conceber o indivíduo como uma unidade linear, homogênea e coesa. Ele é resultado das mudanças que afetam sua trajetória e, por isso, é múltiplo e fragmentado”.

13De acordo com Eliane D’Ávila, foi somente no ano de 2006 que soube com certeza da existência do diário de seu pai: “Em 2006, com quase 90 anos ficou mais nostálgico em relação a época na Itália, eu passava meses com ele em Porto Alegre e ele conversava bastante, pediu ate para eu procurar na internet algumas famílias amigas em Torino e Bologna e comentou ter escrito um diário” (Depoimento prestado ao autor em 20 de março de 2017)

presente e passado impactando e influenciando a “nova” narrativa. Nesse sentido, é preciso concordar com Douglas Attila Marcelino (2016:349 - 350) que, baseando-se nas reflexões de Reinhart Koselleck sobre a “estrutura temporal da experiência”, aponta para rupturas necessárias entre uma “subjetividade conjuntural” e as “razões de longo alcance”. Para o autor é preciso pressupor descontinuidades das experiências primárias e as reconstituições que tornam homogêneas, por assim dizer, as representações do passado que tendem a ser múltiplas e fragmentadas.

As marcas desse “segundo tempo” de suas memórias de guerra (e dessa presentificação) estão registradas nas páginas do diário em diversas passagens. É possível identificar, nesse sentido, algumas marcações feitas a lápis (o diário foi escrito à caneta) em determinadas páginas, cujos assuntos grifados acabaram sendo explicitados e explorados em seu depoimento posterior. Por mais que o tema da entrevista fosse dirigido, com perguntas pré-estabelecidas, é possível afirmar, sem sobra de dúvidas, que o diário foi guia mestre do depoimento de Solon. Seu uso, entretanto, não foi de forma direta, tendo em vista que o depoimento foi baseado em um conjunto de anotações, organizado com a finalidade de ser o seu roteiro no depoimento.¹⁴

É muito significativo que Solon tenha feito essas marcações a posteriori. Elas são indicativas de um esforço do autor em separar aquilo que considerava mais relevante, das suas memórias, a ser narrado no depoimento. De certo modo, através da participação do projeto, Solon pode não só revelar, de forma indireta, o conteúdo do seu diário, como também permitiu que algumas temáticas específicas, de cunho pessoal e profissional, pudessem sair do anonimato.

Uma primeira marcação fez referência à organização do Exército estadunidense bem como o seu desejo de que a experiência na guerra fosse aproveitada por quando seu retorno ao Brasil. No dia 10 de outubro de 1944 ainda em alto mar, Solon registrou em seu diário:

A organização americana é perfeita e funciona admiravelmente. Como um dos muitos exemplos, posso citar o caso do navio [...]. Talvez possa parecer exagero, porém as refeições nunca atrasaram e nunca se deu o caso de falta alimentação para uma única praça [...] isso em alto mar. [...] Tudo funciona perfeitamente, sem atropelos, sem algazarra, cada um sabendo perfeitamente o que vai fazer. Seria interessante que todos os brasileiros em ação prestassem muita atenção, tomassem

14 Até a entrega do artigo não foi possível ter acesso às anotações do Solon, as quais se encontram com seus familiares nos Estados Unidos.

nota, para que quanto voltassem ao Brasil, levassem pelo menos um pouco de vontade, de fazer do Brasil, um país grande [...]. Já estou vendo, que com economia não se faz a guerra, nem se dá bem estar ao povo. (BARBOSA et al., 2015)

Por ocasião do depoimento ao Projeto, em 2000, o tópico da organização estadunidense foi retomado:

Eu anotei também vários aspectos positivos da viagem. Primeiro, foi uma aula prática de organização e disciplina [...] Eu, pelo menos, ficava bobo vendo aquilo. Foi muito importante pra mim observar a eficiência da tripulação [...]. Fiquei impressionado com a organização americana. E esta demonstração de eficiência continuou durante toda a guerra. (MOTTA, 2000: 25)

Uma segunda marcação, e mais emblemática, fez alusão ao episódio da morte de um companheiro, o Tenente Amaro. Na primeira página do diário em que se tem o início da narração dessa morte, foi escrito o seu nome, “Amaro”, na parte superior, justamente como forma de orientação para o depoimento prestado. No dia 20 de novembro de 1944, Solon descreveu a morte de seu companheiro da seguinte forma:

São 11.15 da noite estou só em uma luz de uma vela e lanço mão desse diário para que ele seja testemunha da grande tristeza de que estou tomado. Amaro, um ótimo companheiro, sai com uma patrulha porém não regressou. Seu corpo tombou em Montilocco, atingido por uma rajada de metralhadora e não foi possível trazê-lo. Isso se deu a pouco mais de 2 km de nossa posição, de onde estava meu P.C. Acompanhei pelo som a troca de fogos. Os alemães porém estavam dentro de uma casa e por conseguinte bem abrigados. Isso é a guerra. Uma grande estupidez. (BARBOSA et al., 2015)

De um tom dramático escrito no diário, com direito a lamentações de cunho mais emotivo, no testemunho dado ao Projeto de História Oral se percebe que a narrativa do episódio se torna mais racional e, de certa forma, organizada – como não poderia ser diferente, dado o planejamento prévio executado pelo entrevistado –, incluindo algumas passagens (de diálogos e de acontecimentos) que não haviam sido registradas no diário.

A passagem em que Solon recomendou cuidado ao Tenente Amaro, antes de sair em missão, é um exemplo: “O Tenente deveria sair no dia seguinte, bem cedo. Encontrei-o na hora da partida [...] Eu recomendei: Vai com calma, Amaro. Aquele pessoal não é bobo. Vai com calma. A guerra não é brincadeira. Tua missão é difícil.” (MOTTA, 2000:28). Não cabe aqui – e esse não é o propósito do apontamento – questionar a veracidade dessas

informações¹⁵, mesmo que seja possível pressupor que a inclusão de novos elementos na narrativa do episódio pudessem não corresponder estritamente com o real passado.¹⁶ É possível, entretanto, ressaltar um aspecto de grande importância para a análise: o “segundo tempo” de suas memórias permite identificar algumas “marcas” que ficaram incrustadas em suas lembranças. A morte do Tenente Amaro, assim como a experiência em combate ao lado do Exército estadunidense, foram eventos que, certamente, impactaram a sua vida e afetaram sua subjetividade durante e após a guerra.

É nesse sentido que se pode abrir, ao menos, uma linha de interpretação do motivo dessas suas escolhas. A recuperação e apropriação dos dois eventos registrados no diário para uso no depoimento no projeto do Exército pode corresponder ao mesmo sentido de intenções, qual seja, a presentificação de uma memória que precisava vir à tona, demarcando sua singularidade na profusão de memórias oficiais – ou com pretensão disso – e do próprio discurso historiográfico – ou parte dele – hegemônico.

Se não, vejamos. A morte do Tenente Amaro, para além de um evento trágico, pode ter sido recuperada como forma de responder às críticas, bastante disseminadas em determinados setores da sociedade brasileira, de que a FEB teria ido a “passeio” na guerra, ocupando um papel secundário em combate, lutando contra um oponente formado por recrutas e inexperientes. Deste modo, o ato de se ressaltar aspectos trágicos da guerra, suas mazelas e traumas, coloca em evidência o componente “humano” do combatente e a fragilidade que lhe é inerente nessa experiência limite, independente de ações principais ou secundárias. As referidas versões, cabe destacar, foram bastante disseminadas a partir da década de 1980, quando o País retomava o curso democrático, especialmente com autores que se preocuparam em apresentar os defeitos e características negativas da FEB.¹⁷

15 Nesse sentido, de acordo com Ribeiro (2013:212), o que importa investigar as representações do autor sobre o seu passado, levando em conta, especialmente, as suas escolhas – o que é lembrado e esquecido – levando em conta o contexto no qual a narrativa se constrói.

16 Para além do acréscimo, ou não, de novas passagens referentes ao episódio, também é possível identificar algumas precisões que podem ser consideradas indícios consistentes de uma apropriação direta do diário na formatação do testemunho de 2000. De acordo com o registro de Solon, Amaro foi morto no dia 20 de novembro. Seu corpo foi encontrado, também de acordo com o diário, no dia 3 de abril. Coube a Solon a identificação do corpo encontrado. Uma das precisões consiste justamente no local onde os restos mortais foram encontrados e a forma como se deu o processo de identificação, mencionada tanto no diário quanto no projeto do Exército. Ver em MOTTA, 2000:29-30.

17 O jornalista William Waack com seu livro “As duas faces da glória” e o cineasta Sylvio Back com o

Já o fato de mencionar o combate ao lado do Exército dos Estados Unidos pode ter sido utilizado como forma de salientar o ressentimento, já referido anteriormente, de nunca ter tido oportunidade de externar sua experiência de guerra aos demais companheiros que não participaram do conflito mundial. Conforme as passagens anteriores ressaltaram, Solon ficou muito impactado com o silenciamento referente à sua participação na guerra. Na opinião do pesquisador Dennison de Oliveira (2015:261), a humilhação acompanhou o destino dos militares de carreira, pois os mesmos, após o retorno ao Brasil, foram deslocados “para guarnições que os mantivesses distantes uns dos outros, além de serem silenciados no que diz respeito à divulgação da sua experiência na guerra. A todos foi ordenado que dispensassem o uniforme e distintivos da FEB em uma semana.” Além disso, ainda foram alvos de ciúmes, boicotes, perseguições por parte dos militares que ficaram no Brasil durante a guerra. (OLIVEIRA, 2015)

Se a partir da análise do “primeiro tempo” de suas memórias é possível criar algumas hipóteses explicativas do seu silêncio em relação à experiência de guerra e a existência do diário como possíveis formas de resistência às memórias oficiais e aos esquecimentos institucional, no “segundo tempo” é possível verificar que a participação no projeto abriu a possibilidade que os temas viessem à tona, colocados com a mesma intensidade com que foram registrados no diário. Recuperando uma passagem mencionada anteriormente no artigo, é muito provável que “a hora da verdade” das suas memórias (POLLAK, 1992) tenha chegado para Solon. Nesses termos, Koselleck citado por Marcelino (2016:352), evidencia que além da importância que é dada ao meio a partir do qual o passado chega ao presente (o diário que foi apropriado por ocasião do projeto), também é preciso “considerar que as marcas corporais deixadas pelos eventos e ações pretéritos afetam a própria estrutura de percepção dos indivíduos, reconfigurando sua subjetividade e, portanto, o modo como o mundo será valorado daí por diante.” Qual foi o impacto do “arquivamento do eu”, efetivado por Solon, na reconfiguração de sua subjetividade, bem como na sua trajetória de vida civil e militar?

documentário “Rádio Auriverde” foram os principais expoentes dessa corrente. De acordo com Francisco Ferraz (2012:324) esse tipo de produção diz respeito a uma tentativa de atingir “o Exército Brasileiro, sua memória institucional autoglorificante e o que a instituição representava naqueles anos, para uma parcela da intelectualidade brasileira: o regime militar iniciado em 1964.”.

Considerações Finais – e a abertura do “terceiro tempo” das memórias de guerra

Entre agosto de 2013 e agosto de 2017, o acervo de Solon já foi objeto de uma exposição de média duração¹⁸, realizada a partir da transcrição integral do diário de guerra (Não estão sendo computadas aqui as inúmeras vezes com que essa exposição também foi objeto de ações educativas no MMCMS, tanto pelo público escolar quanto acadêmico); de um Trabalho de Conclusão de Curso¹⁹; de uma comunicação em Simpósio temático no ano de 2015²⁰; de duas comunicações em Simpósio temático no ano de 2017²¹ e de dois artigos que serão publicados nos anais desse evento. Além disso, cabe destacar, o acervo e a trajetória de vida de Solon também estão sendo objetos de uma pesquisa de mestrado, com previsão de conclusão para o ano de 2018.

Portanto, a doação dos objetos para uma Instituição de Memória, efetivada em agosto de 2013, abriu novas perspectivas no que tange à preservação do acervo (e sua divulgação), bem como abriu uma gama de possibilidades de desenvolvimento de novas pesquisas, caracterizadas pela ausência física do autor, mas impulsionada pela vontade de preservação, por parte de seus descendentes, do seu legado material e perpetuação do desenvolvimento de seu legado imaterial.

Essa doação possibilitou que os mais de sessenta anos de anonimato de suas memórias fosse rompido, permitindo, dessa forma, que seu acervo fosse usado enquanto objeto e fonte de pesquisa na construção de novos discursos históricos. Essa doação possibilitou que um “terceiro tempo” de suas memórias fosse criado, desta feita, caracterizado pela ausência do controle do autor ou de seus familiares.

Foge dos limites deste artigo analisar cada um dos resultados das pesquisas desenvolvidas a partir do acervo de Solon, especialmente aquelas que se ocuparam do diário de guerra de maneira sistemática. Entretanto, a abertura do “terceiro tempo” de suas memórias

¹⁸ Intitulada “Cenários de Guerra: Sentimentos de um combatente da FEB”, essa exposição ficou no MMCMS no período de fevereiro de 2014 a fevereiro de 2016. Em julho de 2016 foi remontada e apresentada, por um período de aproximadamente 30 dias, na praça de alimentação de um shopping da cidade de Novo Hamburgo, RS.

¹⁹ Ver em MASI, 2015.

²⁰ Intitulada “Isso é a guerra. Uma grande estupidez: Diário de Guerra de um combatente da FEB”, apresentada no XXVIII Simpósio Nacional de História.

²¹ Além desta que está sendo objeto do artigo, também foi apresentada a comunicação “Enfim, é a guerra: biografia militar e a trajetória de um veterano da FEB”, por Guilherme Masi.

de guerra permite novas reflexões e novos problemas de pesquisa. De que forma o acervo está sendo usado pelas instituições (de memória e de pesquisa)? Quais os temas privilegiados na produção dessas narrativas históricas recentes? Quais os temas que foram “esquecidos”? Como está sendo a recepção desses estudos? Qual público alvo? Certamente, as respostas desses e de outros questionamentos podem contribuir, ainda mais, para um melhor entendimento do atual “estado da arte” no que diz respeito à história e memória da FEB, passado histórico ainda relativamente pouco explorado pela historiografia acadêmica e bastante desconhecido do imaginário social brasileiro.

Referências

BARBOSA, Marcus Vinícius. BETT, Ianko; MASI, Guilherme Nicolini Pires. **Transcrição do Diário de Guerra do Coronel Sólton Rodrigues D'ávila**. Porto Alegre: [S.n.], 2015. Nota: Artigo não publicado.

CHAVES, Eduardo dos S. “Somos guardiões da memória”: uma coleção homenageia os “vitoriosos” de 31 de março de 1964. *Tempo e Argumento*, v. 5, p. 133-158, 2013.

FERRAZ, Francisco César Alvez. **A Guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da força expedicionária brasileira (1945-2000)**. Londrina: Eduel, 2012.

JAHNEL, Claudia Bettina Irene Römmelt. **O arquivamento do eu: o diário de Hugo Deutsch e as lembranças de Emma Anton (1844 - 1859)**. Tese (doutorado em história). UFPR. 2002.

MASI, Guilherme Nicolini Pires. **Isso é a Guerra... uma grande estupidez: transformações dos sentimentos de um soldado febianos na 2ª Guerra Mundial**. TCC (Graduação em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015.

MARCELINO, Douglas Attila. Experiências primárias e descontinuidades da recordação: notas a partir de um texto de Reinhart Koselleck. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 338 - 373. set./dez. 2016.

MOTTA, Aricildes de Moraes (Org). **História oral do Exército na segunda guerra mundial**. Tomo 7. Rio de Janeiro: Bibliex, 2000.

NEVES, L. S.; PINTO, H. M. **Narrativas autobiográficas como fonte de pesquisa para a História da educação em Minas Gerais**. 2013. Disponível em <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/03-%20FONTES%20E%20METODOS%20EM%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/NARRATIVAS%20AUTOBIOGRAFICAS%20COMO%20FONTE%20DE%20PESQUISA.pdf>. Acesso em 1º de julho de 2017.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História. A problemática dos lugares**. *Revista Projeto História*, São Paulo, vol. 10, 1993.

OLIVEIRA, Dennison. **Aliança Brasil-Eua: Nova História do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Curitiba: Juruá, 2015.



POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

_____. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RIBEIRO, Patricia da Silva. **Em luto e luta: construindo a memória da FEB**. Tese (Doutorado em História) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. 2013.